



QUEBRA

**poesia negra
contemporânea mcz**

ISBN 978-65-88994-39-9



EXTON
phillos.
ACADEMY



QUEBRA

poesia negra
contemporânea
MCZ

DIREÇÃO EDITORIAL: Willames Frank

DIAGRAMAÇÃO: Willames Frank

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



Todos os livros publicados pela Editora Phillos estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2017 EDITORA PHILLOS ACADEMY

Av. Santa Maria, Parque Oeste, 601.

Goiânia-GO

www.phillosacademy.com

phillosacademy@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S103p

PLÁCIDO, Richard, SANTOS, Érika, (Orgs.)

QUEBRA: poesia negra contemporânea mcz - Richard Plácido, Érika Santos. – Goiânia-GO: Editora Phillos Academy, 2021.

ISBN: 978-65-88994-39-9

Disponível em: <http://www.phillosacademy.com>

1. Negritude. 2. Maceió. 3. Poesia Negra.
4. Poesia Contemporânea. 5. Poesia. I. Título.

CDD: B.8691

Índices para catálogo sistemático:

Poesia brasileira B.8691

Richard Plácido
Érika Santos

QUEBRA

poesia negra
contemporânea
MCZ

Goiânia – GO
2021

PHILLOS
phillos.
ACADEMY

NOTA DO ORGANIZADOR

Maceió, 1º de fevereiro de 1912. Era noite quando um grupo de milicianos invadiu vários terreiros de umbanda, destruíram, bateram em gente. Um dos terreiros foi o de Tia Marcelina, que foi espancada e violentada. Esse evento triste da história alagoana é conhecido como *Quebra de Xangô de Alagoas*. Muito sangue negro foi derramado nesse dia. Tentaram apagar a nossa história, nossa cultura. E por muitas gerações vivemos sob esse apagamento, a margem cada vez à margem. A Maceió turística é meio metro de areia de praia, uma encruza entre Jatiúca, Ponta Verde, Pajuçara, enquanto que todo o resto, da lagoa mundaú ao Eustáquio Gomes, do Bom Parto ao Benedito Bentes, das calçadas repletas de rasgo do Mutange, graças à extração descontrolada de salgema, às grotas do Jacintinho, o QUEBRA ainda ocorre. E quem geralmente está por lá? Sim, isso mesmo, o povo negro. E por muitos e muitos anos a poesia alagoana foi representada por homens brancos, fechados em seus gabinetes e vestidos de toga, em suas academias. Na coletânea *QUEBRA*: poesia negra contemporânea mcz, reunimos

vinte poetas negras, negres e negros de Maceió, buscamos nas quebradas da vida, nos encontros, no movimento dos corpos, na dança, na utopia, uma maneira de ressignificarmos o *Quebra*. Nós o povo preto estamos sempre nos voltando para a nossa ancestralidade, é de lá que aprendemos a enxergar o nosso presente e futuro. Esse Quebra contemporâneo é um movimento para cima, para as margens da cidade; este Quebra contemporâneo é para a Tia Marcelina, para todos e todas que sofreram e sofrem na sua pele o que é ser negr@ no Brasil. @s poet@s convidad@s para esta coletânea sabem que podem apanhar, terem braços e pernas quebrados, mas nunca vão tirar de nós o saber, a nossa cultura. Somos poet@s da Maceió de verdade.

Maceió, 16 de abril de 2021.

Richard Plácido

Bate, moleque, quebra braço,
quebra perna, lasca cabeça, tira
sangue, mas não tira saber

Tia Marcelina, 1912

Sumário

Ísis Florescer	10
Ari Denisson	14
Ana Iris Santos	20
Humberto FôNSECA	24
Jamerson Soares	27
Ticiane Simões	31
Nilton Resende	35
Lucas Litrento	38
Luís Gomes	42
Geysson Santos	45
Érika Santos	50
Ivan Oliveira	55
Richard Plácido	59
Amanda da Conceição	63
Milton Rosendo	68
Madson Costa	72
Jean Albuquerque	76
Saci	79
Geovanne Otavio Ursulino	84
Magno Almeida	91
AUTORAS E AUTORES	94

Ísís Florescer

FRAGMENTADA

eu queria morar numa palavra
onde eu coubesse por inteira

uma palavra que me acolhesse
sem nenhum rótulo
nem julgamento

onde meu corpo
repleto de chagas

considerado
inadequado
imperfeito
pelos olhares turvos da multidão

deixasse enfim
de sangrar

que essa palavra me alcançasse
antes da explosão definitiva do cosmos

antes de eu perder o raquítico fio
de esperança
que ainda resta dentro do peito

alguns me diriam para eu inventar
essa nova palavra

que ela fosse tão singular
em sonoridade
escrita
significado

nos dias onde medo e dúvida
tomam conta dos meus
pensamentos

confesso
tentativas inúteis que realizo
nessa exaustiva tarefa

mas a palavra não vem

nem colo
nem carinho
nem afeto

e eu permaneço aqui
fragmentada

tentando rejuntar as peças
desses milhares de cacos
que eu ainda sou

MARÍTIMA

eu
sou feita de sal
do balanço ardente das marés

sou um sopro na escuridão

passo meses
submersa
em meus pensamentos

invento na pele
um idioma secreto

eu
labirinto
enigma

sou a fúria dos deuses
heresia e maldição

e por diversas vezes
uma luz solitária

iluminando
horizontes
inóspitos

Arí Denísson

ANOTEM O NOME DOS
PARLAMENTARES

3 ago. 2017

Anotem o nome dos parlamentares
Que votaram contra o povo
Que votaram contra índio
Que encheram o próprio bolso
Mantendo esse canalha no poder
Por trinta milhões de moedas
Anotem o nome
Assim orientam os diversos múltiplos
infindáveis
Abaixo-assinados virtuais
Textões de redes sociais
— Anotem o nome
Esse mané nem é do meu estado
Aliás, a nossa bancada é a última a votar
Nove putos
Nem uma partida da NBA
Daquelas finais que se decidem no último
segundo
precisaria da bancada alagoana
pra ser o fiel da balança
Anotem o nome
Filhos da puta

(Eu SEI que no mundo de hoje as putas
merecem respeito tanto quanto qualquer outra
pessoa

Mas a raiva — e as expressões respectivas —
quase nunca é limpa e geralmente não é
correta

E, como dizem por aí, isso rende assunto pra
outro post)

Anotem o nome dos trezentos e o caralho a
quatro

Trezentos do Rai'-que-o-Parta

A gente aqui, na capital,

Razoavelmente bem-alimentado (por
enquanto)

Com internet, celular,

Um arremedozinho de liberdade de expressão,

Opções de emprego para além de cortar cana,

A gente bem que anota, aliás, nem precisa, a
gente JÁ SABE

Quem não presta e quem definitivamente não
presta

Anotem o nome dos feladaputa

Mas e naquela cidade lá, que eu não tô nem
doido de dizer o nome (são tantas...)?

Os caras vão vender voto por coisas que eles
deveriam ter por direito

E a gente da capital, estudado,

Razoavelmente bem-alimentado (por enquanto)

Não vai conseguir trocar uma ideia com essa galera

Porque eles tratam o figura praticamente como Deus

Ou por devoção, ou medo, ou os dois

E olhe lá se não nos metem uma bala na cabeça antes

Anotem o nome, vamos dar um recado a eles nas eleições...

Meu amigo

Quando a gente ia,

Essa cambada já tava voltando

Eles sabem fazer conta pra entrar

Nessa bodega chamada Brasília

Eles sabem contar coeficiente eleitoral

Pra botar um otário qualquer popular, despolitizado

Ou um playboyzinho de sobrenome

E entrar no trem da alegria

Anotem o nome...

Eu anoto é o meu papel de palhaço nessa merda

Anoto que só um milagre

Uma súbita e repentina politização de todos os
bairros, quebradas e lojas do comércio e do
shopping
Do povo se organizando pra votar contra a
televisão
Quando tudo aponta justamente para o
contrário
Anotem o nome
Muita gente pode até anotar
Mas muda de ideia diante de uma ameaça
Uma proposta de emprego
Um cargo comissionado
A gente tem que anotar outras coisas,
Outros modos de se organizar
Outros modos de fazer valer nossa voz,
nossos ideais
E, principalmente
A parte mais difícil:
Sair da mera anotação...

LA MADAME DE POINTE VERTE

“Por acaso você leu o que eu li?”
Pergunta-me a senhora, entre balelas,
Vestida em roupas verdes e amarelas,
Pra dar opiniões que eu não pedi.

“Desse jeito o Ocidente vai ruir:
Sabe das no-go zones de Bruxelas?”
E, ao fim de tantas perlas rastaquelas,
Resolve então bradar: “Je suis Charlie!”

Claro que este colóquio foi ficção:
Não tenho cor pra tal conversação.
Mas não é raro achar quem se ilusione,

Crendo que, neste abismo tão profundo,
Pobres, ricos, medianos todo mundo
Já não tem sua própria no-go zone...

Ana Irís Santos

IMAGEM

a sala do comandante
é a única liberdade possível
nós temos um trato
qualquer minúsculo deslize
um olhar não reconhecido
poderia me enforcar
o único fingimento
na sala do comandante
era sermos amantes de
uma maneira estúpida
sua pose forçada cria
laços entre nós como
brincar de castelo com
varetas e lenções brancos
na sala do comandante
estou confortável
não me sento com pescoço
rígido e costas esguias
com os olhos fixados
e a mão obediente
com o comandante na sala
essa alegria de sentir na pele
é impar(par?) a sentir os móveis
a madeira e seus dedos

passeando o assoalho
as flores do estofado
as listras de luz no chão
a visão dos cenários que
essa sala já foi
somente o comandante
possui o movimento
a dor o impulso
o chute e o nó
o comandante saiu da sala sem dizer
se ainda tínhamos um caso
se houvesse fogo acesso na lareira
veria seus movimentos
a velocidade e a precisão
o fogo me atravessaria
e a presença deixaria de ser ideal
não o amo mas agora
temos o que fazer
temos esse trato algo que
corrompe o medo de
descobrir ou ser descoberta

LÂMINA

separar as agulhas das folhas cortantes
dos estiletes e pontiagudos lápis
das quinas das portas e paredes
do chão que pode rachar e saltar na nossa
direção
até que só sobram os lençóis e cortinas
esses caídos juntos com meus braços e pernas
porque braços socam e pernas chutam
violentos mutilam o tronco e a boca
essas são nossas partes constantemente
sob mutilação por nossos braços
nossas pernas e bocas mastigando
mastigando sem parar por isso que agora
os dentes são mais pontiagudos
aqueles tendões passando
entre os dentes puxando e rasgando
puxando e rasgando afiaram lixaram
nossos dentes para ser possível
sempre comer mais de nós mesmos

Humberto Fôonseca

DISVIGIAR, DISPUNIR!

O poder não suporta repressão ao poder.
O poder quebra. O poder esfarela. O poder
desce pelo ralo.

O poder que não suporta, nem será jamais
capaz de suportar, são pessoas com poder em
suas mentes.

O poder de libertar, poder de manifestar,
poder de questionar sem protestar, poder de
replicar sem inquisição, poder de não obrigar,
poder de não usar a violência, poder de até
mesmo, usar as táticas mais violentas, para
bestificar os violentos.

O poder de não ferir, mas de curar, poder de
fazer o errado acertar, poder de fazer o certo
não errar, poder de viver sem subestimar,
poder de pressionar, poder esse de
artimanhas poderosas, que juntas, tornaram-
se simples atitudes de poder.

O poder da competência, é o poder da
resistência.

ENTRE ELES, E EU...

Eles mostra críticas,
_ Eu mostro administração,
Eles mostram críticas,
_ Eu mostro falhas,
Eles mostram críticas,
_ Eu mostro intervenção,
Eles mostram críticas,
_ Eu mostro superação,
Eles mostram críticas,
_ Eu mostro suas falsas religiões,
Eles mostram críticas,
_ Eu mostro ação,
Eles mostram críticas,
_ Eu mostro métodos, técnicas, estatísticas,
Eles mostram críticas,
_ Eu mostro que a fonte de seus medos são a
falta de opinião,
Eles mostram críticas,
_ Eu mostro honra além dos méritos,
Eles mostram críticas,
_ Eu mostro a arte do saber e do fazer,
Eles mostram críticas,
_ Eu mostro inteligência.

E mesmo com tudo errado, que eles tentaram
me ensinar, pensei...

_ Melhor fazer do que criticar.

Jamerson Soares

CONSTRUTOR DE RUÍNAS

um redemoinho na língua
fogo cruzado na
mandíbula
um olhar de ave a voz
de um peixe
vida que se equilibra sob a ponta afiada de
uma agulha

um som abafado no canto da orelha
construtor de
ruínas
meu peito
ponteiros encurvados
esperando a última palavra

[[[[[[[[[minha sombra tem me contado
histórias de milênios]]]]]]]

em minha aparência há destroços
tenho em mim pedaços de dores alheias
uma camada de corpos sem pele sobre minha
pele
sob minha pele
me desmonto para encurtar o tempo

um futuro sempre vai existir, mas não no
agora
há uma pressa uma correria uma multidão de
vozes em um local que não é sonoro
meus olhos que reproduzem uma ideação de
futuro
sem perspectiva

as hélices de um cometa invadem cada ponto
de minha cabeça
correntes marítimas furiosas estão a caminho
de meu corpo
tomam o meu corpo
o destroem

sou reconstruído de
nadezas

fico no lugar entre a espera e o mergulho
o voo fora da asa
tentando entender o mistério do afeto

em meu nascimento há uma dor de árvore.

MARÍTIMO

cavalos-marinhos nos dedos
na unha o canto de uma ninfa
o sangue, a boca cavernal, a seiva
um corpo que pulsa geometria marítima

pedras que costuram vazios
cavidades subterrâneas na cabeça
tentáculos de polvo na vesícula

coração movediço
lama e sal entre os dentes

(uma estrela cadente afogou-se em minhas
retinas

Tíciane Síimões

POESIA 4

Chega de história única, de único lugar de fala.
Chega de ter que falar o como é ser mulher
preta nesse mundo, chega!
Não vou mais contar minhas mortes como
sendo vitória de uma resistência
São mortes
Nossas heroínas e heróis estão postos numa
bandeira
E tem sangue no chão, tem giz correndo
nossos corpos
Chega de histórias de resistência
São minhas mas não são únicas
Retirem de seus livros esse recorte como
único e universal discurso sobre meus corpos
Sobre todos os meus corpos
Falem mais de suas branquitudes
Digam ao mundo o quanto são privilegiados
E me deem espaço para que esses corpos
possam falar suas vitórias
Para além das dores e dos açoites que nos
convidam a naturalizar
Falem do quanto vocês são podres
Falem da vergonha que teu sangue carrega

Falem de suas bolsas e de tudo que tem em
seus tapetes

E nos deixem contar nossas rainhas ancestrais
Antes delas encontrarem com essa tua palidez
Enegrecerei minha historia dizendo para o
mundo que temos referencia de povo livre
Ainda que para isso precise ir tão longe na
história

Até chegar aos meus reinados

Por agora, não vou mais estudar tuas grécias,
terei de contar as minhas áfrias

Chega de sofrimento existencial. Na minha
história só caberão as vitórias. Porque as
derrotas, todos os outros roteiros já contaram.
Tem um monte de histórias por ai de como eu
me superei

Ela aguenta. É forte, guerreira.

E se eu não quiser ter que aguentar? Hã?

Chega de culpa!

Nossa... quanta culpa tem aqui dentro...

Chega de todas elas!

POESIA 1

Poder escrever com o olho de fora do furacão
é gritar privilégio.

E poder.

Eu, não posso

Carrego tanta herança abortada

Tanta não luz no fim do túnel

Tanta mão lisa que disse me segurar ao me ver
cair

Que quando abro a boca para falar bom dia

Grito "parem de nos matar"

E só depois consigo: e tenha um bom dia.

Nilton Resende

II

O amor é lindo,
mas o meu amor é mais lindo:

as dobras brancas do bumbum
e o promontório

— eu deito sobre ele a cara,
os lábios, a língua.

Deito a mão, o lado,
a palma,

a língua, a língua afirmando:
o cu do meu amor é lindo.

X

A cama revolta,
e eu revolto,

o olhar
tateando o vazio.

À margem de ti
eu me vejo

— um barco
dobrando o rio.

De lenta,
a nau é bem ágil,

e sopram suas velas
uns ais.

É a memória,
no naufrágio,

o último bote pro cais
— e não há cais.

Lucas Lítrento

REJUNTEIRO

zé da cabra, servente de pedreiro
aduba cimento pra firmar parede
homem dos finos. areal é com ele
desde os dez é dente de leite
arrancado na bruta, na vera

as mundivivências quando uma linha
encontra outra
— é óbvio demais, é claro que vão se cruzar

ele torce o bico quando tem de
porque rejuntar é fácil demais
tão fácil que não mexe um centímetro
nos limites do esquema-mundo

segundo perna-curta, o pedreiro
(quase mestre de obras)
rejuntar é o mesmo que nada
qualquer otário faz
por isso mesmo que antes de aceitar
antes de fazer de má vontade
(pois a diária é o que faz o outro dia)
zé da cabra reluta, inventa desculpas
culpa as costas porque se abaixar dói

zé da cabra vê um eco na rejuntaria
transparência. ele quer é o que é opaco
malassombros, dessas coisas
“tirar areia do mar, tingir cabelo de vó”
correr no escuro, ele é de tal tipo

MESMO OS CÃES SÓ COSTELAS

sombra de latidos na encruza
mesmo os cães só costelas
“pra você tudo que não me
sobra, tudo o que me pesa”

existe a noite e existe o breu
sussurra a poeta e seus cães
endossam a ode, cruzam os
grunhidos dentro da cabeça

existe o mantra e existe o trap
antes do atabaque passam
buzinas úberes e motoboys
o frio incrustado no asfalto

a ausência de ídolo, somente
a garrafa como oferenda
e a contagem das palmas
“quem passar por cima levará

é assim que a vida é”
um trinco num chandon
posicionado no meio da pista

Luís GOMES

OS DIAS, OS MESES

Correm em vias duplas
a mãos de transcrever
a cal vencida
dos dias, dos muros
aos interiores

Corremos os dois
as mãos entre si atravessadas

Atravessam-nos os dias, os meses

OS OUTROS

a distância vendo vêm os outros
tortos torcidos a uma direção inversa
cantam cantam todos
a quem?

Resta então esperar
a vinda contra
a porta batem e o ruído vem
bem antes à porta

Em resposta
reste somente bater do lado de dentro
reste ao lado inverso, *batendo*
são os atributos que restam

contê-los à mão, *a outra*
(mas nunca abrir a porta)

Geysson Santos

MANUAL DE GUERRILHA

É MUITO MAIS QUE UM SOM, ISSO
AQUI É UMA VIDA
É HISTÓRIA DE LUTA ENVOLVENDO
CADA BATIDA
MANUAL DE GUERRILHA, PRA VIVER
NO INFERNO
SE FOR PRA SER UM ADEUS, ENTÃO
ME TORNO ETERNO

O vai e vem rotineiro, vai guiando minha sorte
Vou carregando coragem e que em casa a mãe
ore
Pra que eu ande atento e ligado nos que for
contra
Com muita fé no meu corre cobrando quem
deixa conta
Nunca fui de bronca, sempre soube chegar
Aprendi desde cedo, como saber me portar
Que era não portar, o que fere a ferida
Eai valorizar, gole de cada bebida

Sujeito homi me fiz, desde os tempos de
pivete
Que gazeava aula e curtia uns rap

Mais um filho da terra, jejuando vitória
E desde o berço foi órfão da sua própria
história
Por isso eu sei como é foda, não ser levado a
sério
Se o resultado é vitória, ainda nos tiram o
mérito
Seguindo firme, prospero, pisando mermo é
no chão
Psicografo meu ódio e faço mais que canção

13 DE MAIO

Segura a bomba carai que o revide começou
Motim de filho bastardo, que você num
abençoou

Escravizou, chicoteou, pensou que ia esquecer
Quem apanha nunca esquece e tá na hora de
bater

Ce acha que engana resumindo a história em
um 13 de maio

To ligado na tua, escondeu os heróis, princesa
é o caraio

A vida ensina e a rua cobra, então fica ligado

Díaspóra que nada, a gente foi sequestrado

Estuprado, torturado, nem tenta suavizar

Não tem abolição, se o corre é pra escravizar

Vamo cobrar essa conta, sem arrego e sem
desdobro

O que foi... negado a luta é pra pegar o dobro

Cotas ainda é pouco é pra ocupar a
universidade

É os neguin com doutorado e mais de 30 de
idade

É o terror... pra elite, que promove nossa
guerra

É a favela ...lendo Marx sem tempo pra novela
Revivendo nossa história, de Dandara à zumbi
Anastacia, negro cosme e todos que pisaram
aqui
Então ergam os tambores pra pulsar o coração
Mês de maio? Que nada. Novembro é dos
negão

Érika Santos

MOVIMENTO VERTIGINOSO NA PONTA DO MUNDO

voou
traje
de soldado

a língua
tinta
capa de herói

os cotovelos atados
em paredes nuvens

meu braço é pulso
que roda a c
i
d
a
d
e
mar

enquanto as c
a
s
a
s
dançam

teu corpo é voz
na loucura
 dos meus dentes frios

a cruz é ritmo
que desnuda
minhas
pernas

enquanto a agulha
balança
teus cabelos nos
 meus
dedos
 azuis

TRÊS HORAS NO MEIO DO SOL

o braço aponta fixo duro ela me olha assim
como quem planta
o rascunho de um ente

três horas parada com a bocaberta
aponta pra lá

na mão direita fiapos de lápis cortantes não
dizem nada não durmo a janela coagulada em
frestas escuras
tão escuras quanto meu lábio trêmulo

pra lá três horas paradas

meu suor seco

a cruz no queixo três pontos no umbigo
desmanchados em cordas de náilon
que correm e rasgam a coluna
meu lábio rangendo

o tambor dos cachorros três horas no meio
do sol
me batem me cortam

com chuva me
deito e ela aponta

três quadras daqui

despeje
despache

Ivan Oliveira

EU AMO MCZ

```
>function (eu, amo, maceió){  
    if eu amo maceió = TRUE  
        return eu amo mcz  
    elseif eu amo maceió = FALSE  
        return espero que afunde  
        no próprio ódio  
}
```

eu não amo maceió
mal a tolero

O cheiro do mar incomoda
O vento da tarde incomoda
Não saber se volto pra casa
incomoda
Essa cidade não quer ser minha casa

[a maldição da sereia]

Visite maceió

Vocês vivem no paraíso

[o grande cemitério]

Eu amo mcz

Eu mor[r]o onde vocês
passam as férias

Esse é o preço da nossa arrogância

O ônibus passava pela orla quando
falou a frase
Talvez o ônibus fosse a mesa daquele
bar

Esse é *o preço da sua arrogância*
Não lembro o momento - não lembro
o contexto - em que frase foi dita
minha – nossa – arrogância é a única
arma que nos protege

Esse foi *o preço da sua arrogância*
Talvez tenha dito a frase durante um
último cigarro na praça do conjunto,
antes de entrar em casa

As conversas (geralmente) eram frases
curtas preenchidas por silêncios
longos

Talvez esse tenha sido *o preço da nossa
arrogância*
Essa frase nunca existiu
Nunca saberemos o contexto
As palavras nunca foram ditas

Isso sempre será *o preço da minha arrogância*

[AMARELO]

-amarelo-

cinza (asfalto)

-amarelo-

quinze (ou dez)

esquerda

-amarelo-

cinza

cinco

branco

preto

azul

-vermelho-

esquerda

amarelo

amarelo

-vermelho-

esquerda

aberto

Rícharð Plácído

FIM DE TARDE

um coco que boia no mar
não entende o usufruto da dor
dos últimos passos do capoeirista.

tatuagens incolores
diante de um corpo fictício
edificam pilastras em decúbito dorsal.

pessoas em depressão
tentam abraçar o pai que nunca fui
perdido abraço areias mortas.

urnas brancas em promoção
tereza se joga do décimo andar
do maceió mar hotel.

sorridente um homem de camisa de botão
e olhos negros
devora um cachorro ainda vivo.

ROTINA N. 2

seis hora da manhã
o homem e seu suco de laranja
dentes podres se desprendem
nas migalhas no prato mergulham
o homem cata um por um
coloca de volta na boca
chupa mastiga engole
o homem flutua até o banheiro
escova com sangue a língua
ensopa de mijo a marmitta do almoço
dá descarga

meio dia
o homem caga no banheiro do chefe
esfrega o cu na agenda do gerente
envia por fax a sua merda empoeirada
divide a marmitta com os colegas preferidos
o arroz e sua camada amarela
alimenta o ranço

duas horas da manhã
o homem atravessa a rua
nas mãos sacolas de compras
os pés descalços

a camisa de botão entreaberta
ele sente nos calcanhares
o peso do dia
a dor das reuniões intermináveis
dos carimbos enferrujados
do cabo de rede
ainda dependurado em seus ouvidos

Amanda da Conceição

SOMOS FORÇA

Vento que sopra
E se revela em nossos cabelos
Sussurrando:
Se solta
Das correntes que aprisionam e nos dão
medos.

Somos filhas de Dandara
Carregando uma brasa ardente
Nunca teve sua liberdade comprada
É desejo e chama passada
Meus ancestrais gritam: presente.

Somos feitas de aiyê
Energias nos guiam
Nos batuques nosso sangue ferve a cada viver
Não mais amordaçadas,
Seguiremos nosso caminho.

A cada sangue derramado
Eu me infesto a cada reflexo
Armada, desimpedida de discursos
Floresço, prossigo, me alerto.

Nosso espelho é o passado
Reconheçam a beleza da noite
Em meio a lágrimas inundadas
Com punhos cerrados
Sou Luana, Marielle
Somos força
Receba o convite
E não hesite.

OYIN ATI ANU LE WA PAPÒ
NÍGBÀGBOGBO SÁAJÚ KÍ ATO BI
ÒRÒ

"O mel e a boca sempre podem se juntar antes
da palavra nascer"

Descascou o silêncio pra falar verdades
Temperou suas palavras com gotas de mel e
misturou com o amor
Sem metade, apertada, amassa, puxa e estica com
liberdade
De quem reconhece seus próprios cheiros, o
ponto de si mesma e o seu sabor

Ainda nua e crua
Nem sempre sabemos o que fazer
Inseguranças e medos grudam por cada canto
e em todos os dedos
Embargada pelo receio, seu rosto revela sucos
para se reconhecer

Guardamos por muito tempo
O que é revelado e precisa escoar
Alimentando-se de vários e vários
desassossegos
Viciamos em estagnar e sabotar

Esquecemos de nos provar
De aprendermos com novas receitas
Percebermos que aquelas narrativas antigas já
não nos cabe mais e no renovar
Tentar se aceitar, se respeitar e se aproveitar
Num movimento de se amparar, dando novos
olhares e dizeres no lugar

Milton Rosendo

HIEROGLIFO

-à Gilda Vilela Brandão -

Terei que me virar com os meus escassos
recursos. *allegro ma non troppo.*

A mulher nem sendo o desenho de uma
guerra,
nem sendo a pintura de um santo em repouso.
Havia, sob a pele, um painel íntimo, higiênico,
catapultando novas cifras.

Os corpos brigando por um ajuste perfeito.
Uma nudez não por trás de fechaduras
se instalando como síndrome ou como
música.

As obscenidades calculadas
sendo um azorrague contra toda presunção de
inocência.

Uma pancadaria imaginária se encena dentro
de mim continuamente

As personagens intercambiáveis numa
sucessão de socos e pontapés
que é um estendido olhar para as coisas.

O trabalho consiste em uma teoria química dos acasos.

As aves, em escuros redemoinhos, convidam para os afogamentos.

Uma desatrelagem de imagens feéricas na cabeça,

uma viva insubmissão

forçando passagem contra estreitos panoramas.

O ríctus da moça sendo exatamente um *bouquet* de barras luminosas.

Terceira lembrança de verão: abro-a e grito.

SÍSIFO

De novo e de novo, jamais se estanca da rosa
a rosa.

Assim como a rocha desliza aonde não sou.

Os olhos o sabem: a palavra -feito roda-

é sobre si mesma

que rola;

como rotação de horas,

como onda a pensar outra

onda.

Ausência assim como estrela,

a brilhar depois de

morta.

Acha a comunicar seu cautério:

esta palavra que

me falta.

A palavra sempre nos salta.

Como um tapete de gramíneas, como um
corte de faca:

o que, por delicadeza, destruo;

o que, por perfeição,

me mata.

Madson Costa

TERRA DE SÓIS

em 1500 Vera Cruz é tomada
e repartida entre eles,
o cheiro de morte, da tão amarga morte
apodrece a jângala de nômade

de longe vieram em seus barcos fúnebres
com incontáveis galinhas
em suas memórias traziam
“d. dinis nunca será trovador provençal”

sobre as portentosas margens latinas
chegaram em roupas pesadas no calor
tropical
pero vaz sem caminho veementemente
escreveu
“o melhor fruto, que nela se pode fazer,
é salvar essa gente de terra afável
essa gente sem lei e nem rei
que andam com suas vergonhas despidas”
e que meu deus que os salve

nas sarças pré-colombianas
bebiam cachaça cuspida de mandioca,
nas tardes com mais de mil sóis,

nas terras com mais de mil povos

os povos de longe sequer saberão tupi-
guarani,
nem Bakairi, Suruí
tampouco o tore Oiapoque
ou o cocar Yahua

caiapó não conhece holandês,
os Tiriyo-Kaxuayana não destruíram florestas
inteiras,
nem os pataxós trouxeram consigo centenas
de vidas roubadas da África
sardinha morreu porque não era caeté
porque o Brasil sempre será Marajó

PELE NEGRA

o toque na pele Negra
abre as portas do Nilo
para a multidão de coisas de África
os ventos, os dias, os risos,
o mato verde seco da selva,
os azuis das lagoas, dos mares
um poema não muda a história,
não muda que brancos invadiram as margens
continentais de África,
tocaram a pele Negra,
mataram a pele Negra,
escravizaram a pele Negra
navios de cascos fétidos com suas paredes
tumescentes
de cheiro de morte
de cheiro de dor
navios negreiros trazendo angústias às
margens latinas
navios negreiros trazendo consigo cargas de
poesia
navios negreiros levando consigo vidas
roubadas de África

Jean Albuquerque

AS ÁGUAS QUE ME DEVOLVEM
AO VAZIO

O mergulho no desconhecido

Nossas sombras ao sol

um cais azul

A palavra:

resina no corpo

A palavra:

dentro da carne

A palavra:

cheiro de maresia

Teu corpo:

rede de arrasto

teia manchada de luz

AS ONDAS: BÚSSOLAS DO TEMPO

Dentro do outro Atlântico
há um mar escrito no teu corpo
Os olhos
As milhas percorridas
O mesmo sal

Observar os mapas
como quem redesenha
as fronteiras do mundo

Fixar os fluidos nas bordas
do teu braço
O escuro vão da tua alma
desperta ao amanhecer
Travelling

Sací

EM QUALQUER CEP

Sossego me traz o fim da tarde mais um dia
O sol dorme depois de aquecer quem ainda
respira

Pra espaiar as ideias em mais um beat
Tenho que manter o ritmo, quase não há
tempo pra poesia

Sigam-me os melhores pois os bons, só no
molhado chovem

Correndo com aqueles que em pingo d'água dá
nó

Papo de bruxaria mesmo, assim na maior
Ou é dez ou é dez, a favor, não serve só nove

Anda com corre, corre como deve
No mundo onde o couro come e mata como
reza

Calma, pra que pressa? Tome aí outra dessa
Seja paga com dinheiro ou se paga com
promessa

São os ciclos dessa isura toda aí que gira o
globo

É a roda da fortuna que dá esses giros todos
Preto americano, você conhece o drama

E pra desfazer as estruturas, aí é mais
quinhentos anos

No que fizer, no que disser, o certo é o certo
em qualquer CEP

No que disser, no que fizer, o certo é o certo
em qualquer CEP

SELVAGEM

Ainda que paga com sangue, é liberdade
Não é todo mundo que tem assim tão fácil
Tem bicho que só come se vender a alma
Enquanto tem peste que ganha só com a cara

Tudo depende da posição que saca
O que é meu, se eu não for buscar não tem
quem traga
Quem lhe fode é justamente quem nega o
salve
Então desde que eu cobre, aqui se faz, aqui se
paga

Se moscar em frente aos cães é caroçada
Nego some, fica só as peça e as prata
Prender vilão é fácil, todo dia um nasce
Difícil é ter uma só linha de largada

Ou é pelo certo ou é pelo pão dentro de casa
Não tem muita escolha, home, ou vai ou racha
Embaçado mesmo é não escolher um lado
Pois quem fica em choque não vai andar sobre
as águas.

Tô vivo, então não mosco
Onde quem você ver respirando, é pra
negócio
Duvido, então mantenho sempre o olhar seco
de que nunca fecha os olhos
Pois na rua é selvagem, é tóxico.

Geovanne Otavio
Ursulino

MORCEGOS E ESCRIVANINHA

o sr frederico corre atrás de morcegos pelo
jardim
entre maçãs e sálvias gritando é tarde é tarde
rimos do sr frederico como se o sol
ardendo a carne tivesse apodrecido o juízo
do pobre velho q agora corre atrás de
morcegos
com seu riso fora da cara

desdeq conheço o sr frederico ele sabe
q é tarde pra vida tarde pra luta pra morte
tarde pra risos entre morcegos

desdeq conheço o sr frederico
digo q sei da vida da luta da morte
digo q sei do riso entre morcegos

como saberia sem a vida ardendo?

rimos do sr frederico
como se nossas palavras
fossem mais sãs q as do pobre velho
correndo entre maçãs e sálvias
gritando é tarde é tarde

atrás de morcegos pelo jardim

rimos do sr frederico como se o sol
não tivesse apodrecendo nosso juízo
ardendo nossa cara q já tem olhos fundos
focinho grande orelhas pontudas

desdeq conheço o sr frederico
ele sabe q é tarde pra risos
entre morcegos velhos

mas só agora o sr frederico
ele corre atrás de morcegos
gritando é tarde é tarde

OS CORNOS BRANCOS DOS RINOCERONTES

minha testa continua lisa
pro bem ou pro mal
nenhum corno rasgou minha cara
asiático nem africano

tomaram as ruas
um a um todos se tornaram eles
jovens velhos são doentes
homens mulheres ricos pobres

começa com uma dor
de cabeça nos jovens como
nos velhos depois a pele
já não é macia nem fraca

nos são como nos doentes
a febre arde ossos a febre arde
carne arde olhos
tanto homens como mulheres

ganham força animal
então são os cornos
a beleza da transformação

tanto ricos como pobres

belos cornos brancos
rasgam suas testas
logo florescem rosas lindas
grandes entre a merda

minha testa continua lisa
passo meus longos dias olhando
no espelho esperando meus cornos
brancos grandes fortes

tomaram as ruas
enquanto me escondia enquanto
os amaldiçoava tremia agarrado
aos joelhos curvados

por q deus faria isso?
qual pecado de morte
levantou sua ira?
um a um todos se tornaram eles

a diferença são os cornos
uns têm dois uns têm um
asiáticos ou africanos? não sei
são da pele mais dura e branca

rasgam suas testas
logo florescem belos
cornos brancos como neve
tanto ricos como pobres

a febre arde ossos a febre arde
carne arde olhos tanto homens
como mulheres tanto
sãos como doentes

minha testa continua lisa
tomaram as ruas
os olho os odeio
mas desejo seus cornos

pro bem ou pro mal
passo meus longos dias olhando
no espelho tremendo agarrado
aos joelhos curvados

nenhum corno rasgou minha cara
todos são eles cantando
enquanto me escondo
os amaldiçoo não param

asiáticos nem africanos
saem de sob minha janela
numa vigília sem fim me chamam
com melodias doces e acolhedoras

belos cornos brancos como neve
os desejo de dia os desejo de noite
rosas lindas e grandes florescendo
na merda q são meus longos dias

Magno Almeida

II

quando a palavra assimila loucura estilhaço
deixa de ser bifurcação minotauro cessa
o eterno presságio da dança vadia
maquinário do poema útero desosso sentença

quando a palavra azul-azul replica impulso
projétil
guilhotina um animal mostrando as garras
a palavra desagua na língua fenda barrela
sinapses

quando a palavra vasculha presença encontra
a sutura o vazio escorre dela
o sulco papoula
um rio

quando a palavra coágulo termina nasce
mudez quando a palavra recomeça descreve
o ciclo na boca as vias os trilhos o
sangue artérias

equinos bovídeos bonobos
gritaram o primeiro sim

I

decifrar o fruto que permite a violência da
mordida

não confundir o poema feito contra a carne
que apresenta a elegância do precipício

os dentes rasgam a matéria o fruto es
corre pelo canto da boca as fibras
enroscam na língua a polpa
triturada o tempo a essência a desordem

ao fim silêncio toque a gênese do pecado
palavra primata o susto povoando o
abismo das aves

AUTORAS E AUTORES

ÍISIS FLORESCER - atriz formada pelo curso técnico de teatro UFAL, escreve poemas para criar possibilidades de existência e resistência confrontando a sociedade patriarcal e cisheteronormativa, partindo de suas vivências e inquietações enquanto mulher trans, afroindígena, transfeminista e periférica.

ARI DENISSON - é professor de Língua Portuguesa do campus Maceió. Publicou as obras *baroque.doc* (poesia, Edital, 2011) e *Contos periféricos* (Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2016). Participou da coletânea *Inferno tropical* (Sirva-se, 2018), com a publicação do conto “Cinco estrelas”. Estuda Arte Dramática na Escola Técnica de Artes e dubla uma das personagens da animação de divulgação científica *Mar à Vista*, do LACOS21/UFAL.

ANA IRIS SANTOS - tem 27 anos, pernambucana radicada em Alagoas. Graduanda em Zootecnia pela UFAL, em 2018 publicou o livro que reúne 28 poemas autorais, *Cavia Porcellus* (2018) pela Imprensa Oficial Graciliano Ramos. Possui poemas publicados em revistas

literárias digitais e impressas e faz postagem mais regulares no blog *ConchaPoema* (conchapoema.blogspot.com).

HUMBERTO FONSÊCA - Maceió - Alagoas, 1983, é poeta, músico, e escritor independente, fundador do Projeto Cicas - "Centro Independente de Cultura alternativa e Social" - na zona norte de São Paulo, foi um dos organizadores do Grupo Pró Biblioteca de Garopaba em Santa Catarina, como poeta e ativista cultural, se apresentou em diversos saraus na capital paulistana, e participou da efervescência artística e cultural da metrópole entre 2007 e 2016, tendo atuado com diversos artistas e centros culturais.

JAMERSON SOARES - tem 24 anos, é alagoano, natural de Maceió, ator e estudante de Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), atualmente faz estágio como repórter no portal G1 Alagoas. Gosta de poesia, fotografia, cinema e de escrever poemas desde criança. Participou de várias oficinas de literatura e escrita criativa no Sesc Alagoas, participou de uma coletânea nacional de poemas, é ator e assessor de imprensa das companhias Teatro da Poesia e Claricena. Há dois anos está

trabalhando no projeto do seu primeiro livro de poemas que retrata a relação do mar, que ele tanto gosta, com o corpo humano. Ele também gosta de gatos.

TICIANE SIMÕES - atriz e poeta slammaster. Sócia fundadora do Ateliê Ambrosina, ONG para empoderamento de mulheres no estado de Alagoas. Poeta feminista pesquisadora e realizadora de formações na construção de poesia de rua com recorte de gênero (mulheres) e foco nas batalhas poéticas, Slam das Minas. Mediadora de debates e formadora de professores mediadores de uso de novas formas e formatos na educação cultural/étnico/patrimonial para jovens. Fundadora e Coordenadora do Slam das Minas - AL.

NILTON RESENDE - professor Adjunto de Literatura da UNEAL. Integra a Cia. Ganymedes, para a qual adaptou a novela Mário e o Mágico, de Thomas Mann, para o espetáculo O Mágico. Publicou os livros O Orvalho e os Dias (poesia), Diabolô (contos), A construção de Lygia Fagundes Telles: edição crítica de Antes do Baile Verde. É editor do selo literário Trajes Lunares. A Barca (2020), baseado no conto

“Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles, é seu primeiro filme como roteirista e diretor.

LUCAS LITRENTO - escritor, realizador cinematográfico e produtor cultural de Maceió/AL. Lançou seu primeiro livro, *Os meninos iam pretos porque iam*, de poesia, em 2019. Em 2020, lançou o zine de poesia *ROBYN*, de forma independente. *TXOW* (2020), foi vencedor do primeiro Prêmio Delfos de Literatura e saiu pela Edipucrs. Realizou o curta-metragem *círculos* (2020). Assina roteiro e direção, com Janderson Felipe, do curta-metragem Samuel foi trabalhar (em produção).

LUÍS GOMES - nascido em Maceió a 10 de janeiro de 2000, atualmente é estudante de Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

GEYSSON SANTOS - forjado no cotidiano da periferia de Maceió, Geysson Santos é um militante antirracista importante para a luta negra em Alagoas. Geysson é estudante de História da Uneal, foi colunista do Bocada Forte, o primeiro portal de hip hop brasileiro, atua no movimento negro, através do Instituto do Negro de Alagoas e da Cia Hip Hop. A

trajetória do militante começa em 2012 com a entrada no Coletivo Cia Hip Hop. De lá para cá, Geysson continua a desenvolver atividades voltadas para a periferia, buscando contribuir com cultura, lazer e conhecimento político. Comprometido com a causa social e com a busca por políticas públicas para a população negra, Geysson Santos encabeçou, em 2018, a primeira candidatura por um Mandato Coletivo em Alagoas. Em 2020, contribuiu com a construção da Bancada Negra, um mandato coletivo formado por negros e negras que disputaram uma vaga para Câmara de Vereadores de Maceió. A Bancada Negra foi a candidatura coletiva mais votada da capital alagoana.

ÉRIKA SANTOS - é alagoana, escritora e poeta, graduanda em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), integra os coletivos União das Letras e Poesia no Caos, possui poemas publicados em revistas digitais. Contato: erikasants59@gmail.com | @erikacomacento.

IVAN OLIVEIRA - biólogo, baterista dos Aerodoidos e não obstante, professor & ciclista. Comecei a (tentar) escrever quando era mais novo, porque parecia ser a coisa certa a ser feita.

Hoje em dia continua parecendo ser o certo. Escrever sobre qualquer coisa, principalmente essa cidade que é até massa de morar, mas que *com o tempo coça e incomoda*.

RICHARD PLÁCIDO - escritor e mestre em Estudos Literários (PPGLL/UFAL). Em 2016, publicou o livro *entre ratos e outras máquinas orgânicas*, pela Imprensa Oficial Graciliano Ramos. Em 2019, publicou o livro de contos *Da casa o nome*, pela Ofélia edições. Contato: richardplacido.com | placidorichard@gmail.com. É o organizador desta coletânea.

AMANDA DA CONCEIÇÃO - (1999) - alagoana e poeta de atravessamento, mulher negra e LGBT, tem 21 anos e seu objetivo é empoderar outras mulheres negras e resistir através dos seus versos. Iniciou sua escrita em 2017 e desde então se permite para os novos ventos que a arte e a poesia vier lhe proporcionar. Sua inspiração vem de mulheres negras que vieram antes e de mulheres que estão ao seu redor e ajudam no seu caminhar.

MILTON ROSENDO - nasceu em Maceió, Alagoas, no ano de 1974. Seu livro de estreia, *Os Moinhos*, foi lançado em 2009. Publicou ainda *Caos-Totem* (2016) e *Azul como um Rottweiler* (2021). Juntamente com outros nomes da literatura alagoana contemporânea, participou da coletânea *Amores Ébrios* (2017). Teve alguns poemas musicados, e está agora desenvolvendo roteiros para histórias em quadrinhos.

MADSON COSTA - 19 anos, é escritor, poeta, professor de inglês, poliglota, redator e colunista. Sua trajetória literária inicia em meados de 2018. Em 2020, foi um dos vencedores do Prêmio Diversidades Literárias, promovido pela SECULT-AL (Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas), através da Lei Aldir Blanc. Publicou seu primeiro livro “*Os Meninos da Parte Alta*”, em edição bilíngue, em 2021.

JEAN ALBUQUERQUE - Maceió (AL). É Jornalista e escritor. Publicou os livros: *Meu peito é um caminhão de mudança abarrotado com todas as lembranças que você deixou* (Selo Oxenti Records, 2016), *Os deuses estão embriagados de uísque falsificado* (Selo Sirva-se Edições Alternativas, 2017) e *A ressaca do mar trincou meus ossos* (Selo Loitxa Lab,

2021). Estudante de Letras - Português, da Universidade Federal de Alagoas, Ufal. Contato: @albuquerquejean_ | jeanalbuquerque87@gmail.com.

SACI - artista independente alagoano da cidade de Maceió, José Saulo ou Saci, como é conhecido no meio artístico, é um rapper, MC, beatmaker e produtor integrante do coletivo artístico Febre do Rato Produções, por onde já lançou um EP solo (Singularidade) e outros EPs e Mixtapes em colaboração (Hipnose, Cabeça de Nego), e integrante também do grupo de RAP Reles No Rules, por onde já lançou o EP Sangue, amor e ódio. Nas mais variadas vertentes da música RAP, busca registrar através de sua música, nada mais nem menos que uma singular perspectiva de um jovem preto periférico.

GEOVANNE OTAVIO URSULINO – vive em Maceió, professor, mestre em História Cultural publicou os livros de poemas *como num inferno pra marinheiros* [Maceió, Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017] e *os gigantes atravessam o eufrates* [São Paulo, Patuá, 2018]. Publica no blog Animus Poema [animuspoema.com].

MAGNO ALMEIDA - nasceu em Maceió. É professor, poeta, mestrando em estudos literários, publicou *pelos poros e pequenos apelos* (2015), *composição para além-vértebras* (2016), *simultâneos pulsando* – uma antologia fescenina da poesia brasileira contemporânea (2018).

EDITORA
phillos.
ACADEMY

WWW.PHILLOSACADEMY.COM